



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

VICTOR BATISTA DE SOUZA

REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO: Um diálogo possível.

JOÃO PESSOA – PB
2014

VICTOR BATISTA DE SOUZA

REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO: Um diálogo possível.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Laércia Maria Bertulino de Medeiros

JOÃO PESSOA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729r Souza, Victor Batista de
Redes Sociais e Educação: um diálogo possível [manuscrito]
: / Victor Batista de Souza. - 2014.
56 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Laércia Maria Bertulino de Madeiros, Departamento de Psicologia".

1. Educação 2. TICs 3. Redes Sociais I. Título.

21. ed. CDD 370.1

VICTOR BATISTA DE SOUZA

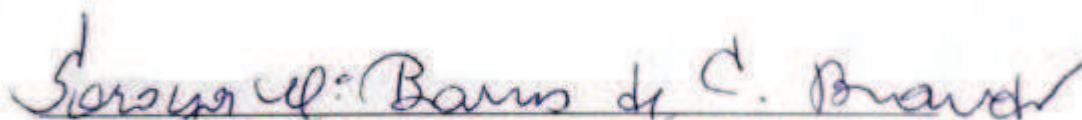
REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO: Um diálogo possível.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Secretaria de Estado da Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em 19/07/2014



Profª Drª Laécia Maria Bertulino de Medeiros / UEPB
Orientadora



Profª. Ms. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão / UEPB
Examinadora



Profª Drª Morgana Lígia de Farias Freire / UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais José João de Souza e Rosilene Maria Batista de Souza.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força espiritual nos momentos de dificuldade ao dessa jornada Especialização/Trabalho.

Aos meus pais, José João de Souza e Rosilene Maria Batista de Souza, que não mediram esforços para durante toda a minha vida garantir educação de qualidade e uma formação baseada na moral, no respeito e em outros valores fundamentais para a construção do cidadão que sou hoje. Agradeço pela atenção, amor e carinho que ambos, cada um de sua maneira, me ofereceram.

A meu irmão Thiago Batista de Souza.

À professora Dr^a Laércia Maria Bertulino de Medeiros, pela orientação desta monografia, organizando minhas ideias e trazendo sugestões valiosas para o engrandecimento do meu trabalho.

À equipe de professores e coordenadores do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação da Universidade Estadual da Paraíba, que trouxeram diversos temas importantes para minha vida docente e que contribuirão para minha vida acadêmica e profissional.

Aos meus amigos e colegas do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação, em especial, a minha equipe de trabalhos, Walter Pereira, Viviane Dala e Vera Dantas, com a qual vivi momentos riquíssimos em termos de debates, experiências, produções de trabalhos, seminários, entre outros. Não tenho dúvidas que são professores competentes com os quais aprendi bastante.

Meus sinceros agradecimentos a todos e a todas que fizeram e fazem parte da minha vida acadêmica.

Um grande abraço.

"A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe." (Jean Piaget).

RESUMO

Nesta pesquisa temos como objetivo geral investigar o uso das Redes Sociais como ferramenta pedagógica para o professor em sala de aula. Para isto, inicialmente, fazemos uma comparação do que denominamos de “escola analógica” e “escola digital” para mostrar as novas configurações que a escola deve apresentar no cenário atual se quiser acompanhar o ritmo acelerado de mudanças da sociedade e consequentemente de seus alunos, os nativos digitais. Propomos então que o professor busque formações e capacite-se no intuito de adotar estratégias metodológicas que sejam eficazes para conseguir melhor desenvolver o aprendizado nessa nova geração de alunos. A maneira para alcançar essa transformação nas escolas, sugerida em nossa pesquisa, de cunho qualitativo e com método de procedimento a pesquisa bibliográfica, é a adoção de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na educação, mas precisamente as Redes Sociais, pois segundo pesquisas atuais apontam elas apresentam um grande potencial do ponto de vista pedagógico. Focaremos, contudo, nas três redes sociais mais acessadas pelos brasileiros e por nossos alunos: *Youtube, Twitter e Facebook*.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. TICs. Redes Sociais.

ABSTRACT

In this research we have is to investigate the use of Social Networking as a pedagogical tool for the teacher in the classroom . For this, first , we make a comparison of what we call " school analog " and "digital school " to show the new settings that the school must submit the current scenario if you want to keep pace with changes in society and consequently of their students , digital natives . We propose that the teacher training and seek to empower themselves in order to adopt strategies that are effective methodology to achieve better develop learning this new generation of students . The way to achieve this transformation in schools , suggested in our research , a qualitative approach and method of procedure the literature , is the adoption of Information Technology and Communication (ICT) in education , but precisely Social Networks, because according current research indicates they have a great potential of pedagogical point of view . We will focus , however, on the three social networks accessed by more Brazilians and for our students : *Youtube , Twitter and Facebook* .

KEYWORDS: Education. ICTs. Social Networks.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Possibilidades do uso do Twitter em Educação.	42
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Proposta de discussão de conteúdo a partir de uma imagem.	36
Figura 2 - Discussão do tema proposto pelos alunos e mediação do professor.	36
Figura 3 - Discussão do tema proposto pelos alunos e mediação do professor.	37
Figura 4 - Tela de abertura do Microblog <i>Twitter</i>	41
Figura 5 - Formulário de cadastro da conta no <i>Twitter</i>	41
Figura 6 - Tela de abertura do <i>facebook</i>	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. DO ANÁLOGO AO DIGITAL: uma nova escola para um novo aluno.	15
1.1. GERAÇÃO Y E GERAÇÃO Z: que alunos devemos esperar?	22
1.2. PROFESSORES: uma metamorfose ambulante	26
2. AS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO.	28
2.1. AS TICS NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS	30
2.2. REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO	31
2.2.1. O que são Redes Sociais?	31
2.2.2. Principais Redes Sociais	33
2.2.3. Redes Sociais como ferramenta educativa	35
2.2.3.1 <i>Twitter</i>	40
2.2.3.2 <i>Youtube</i>	43
2.2.3.3 <i>Facebook</i>	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	52

INTRODUÇÃO

Consideramos que a educação vem enfrentando uma crise em relação ao desinteresse de uma parcela significativa dos educandos em relação a escola e aos conteúdos a eles apresentados. O que presenciamos muitas vezes nas salas de aulas são alunos dispersos, com conversas paralelas, sem aparente interesse no que o professor tem a dizer. Então, o que fazer? Como a escola pode deixar de ser um local tedioso e enfadonho para os alunos e competir de igual para igual com a praça da frente da escola, a *lanhouse* da rua ao lado, o campo de futebol da esquina...?

Percebemos inúmeras pesquisas sobre este desafio, tornar a escola um local onde o aprender seja agradável, onde o aluno tenha motivação e que as quase seis (6) horas, no mínimo, que ele fica na escola sejam aproveitadas ao máximo em relação a aprendizagem e a construção de conhecimento. Para tentar ajudar a chegar a essa escola prazerosa, onde de fato exista um processo de ensino-aprendizagem eficaz, surgem às tecnologias. Qual o professor que não chamou a atenção do seu aluno que estava usando o celular na hora da aula? Ou, agora mais recentemente, o seu *tablet*? A sociedade, incluindo nossos alunos, está cercada pela tecnologia, a cada dia, essas ferramentas tecnológicas chegam com diversos atrativos e inovações que atraem um grande público, então, porque não trazê-las para o cotidiano escolar? Pensamos que nós professores devemos fazer sim, uso dessas ferramentas tecnológicas, contudo, para isso, devemos buscar metodologias adequadas de como, quando e qual a maneira correta de usá-las.

Estamos vivendo uma época em que cada vez mais as tecnologias tomam conta de todas as áreas e que nossos alunos, muitos deles nativos digitais, estão a todo instante imersos nessa realidade e que as velhas formas de se ensinar não mais atendem as suas necessidades, percebemos que é preciso inovar em sala de aula e para isso pensamos em buscar essa inovação nas redes sociais, que fazem parte do cotidiano dos alunos e que podem ser uma ferramenta valiosa para o professor.

Para atender nossos objetivos pretendemos usar alguns autores renomados quando o assunto é educação e tecnologia. Nós professores devemos abrir espaço para o uso de novas metodologias em nossa prática pedagógica e não ficar apenas fechado na visão tradicional de ensino que, segundo ele, dá tudo "mastigado" ao aluno.

Dentre as possibilidades de inovações, alguns autores que iremos trabalhar propõem o uso de tecnologias na educação, fazem algumas sugestões e alertam quanto a melhor maneira de usá-las. Defendendo um ensino a partir de experiências, projetos, pesquisas, que estimulem a criticidade do aluno, acreditam que a internet é uma ferramenta importante nesse contexto, pois, a partir dela, professores e alunos tem a oportunidade de terem acesso a uma gama de informações sobre diversos temas. Seguindo essa linha, propomos o uso das Redes Sociais como ferramenta pedagógica para o professor em sala de aula.

Abordaremos neste trabalho também o papel do professor como mediador, que incentiva seus alunos a terem critério na escolha dos sites, a fazerem a avaliação dos conteúdos neles apresentados, a compararem textos com visões diferentes.

Sem dúvida, os conceitos apresentados pelos autores desta nesta pesquisa são importantes na prática de nós professores na sala de aula, pois tornam a aula mais motivada, atrativa e estimulam o gosto da descoberta por parte do aluno, tendo em vista que imersos em uma sociedade tecnológica nossos educandos sentem a necessidade de estarem em contato com essas tecnologias.

Percebemos ainda que muitos professores estão usando metodologias que aprenderam em sua época de graduação e que são perpetuadas pela tradição, metodologias essas que eram aplicadas para um público diferente do atual, um público que não tinha o acesso a informação rápida e constante que temos nessa nova sociedade, uma metodologia de "decorebas", questionários, cópias, que não funciona e não é aceita pela "geração Y", pelo "homo zappiens" e ainda pela "geração Z", ou seja, pelo público imerso numa sociedade tecnológica, interligada com todo o mundo pelo processo de globalização. Como estabelecer com a Geração Y uma relação de ensino-aprendizagem que concilie os interesses desse público com os objetivos pedagógicos da escola? Pretendemos analisar essa questão em nossa pesquisa.

Diante desse contexto, alguns dos autores que analisamos defendem mudanças nos sistemas educacionais e principalmente no pensamento dos professores, pois não basta às mudanças chegarem às escolas (como os recursos tecnológicos), os professores devem ser capacitados e aceitarem essas mudanças como necessárias e favoráveis ao processo de ensino-aprendizagem. Isto é, não é apenas uma questão de tecnologia e sim, de metodologia.

Seja por medo ou por falta de formação, alguns professores ainda recusam fazer uso dos recursos oferecidos por esse mundo multimidiático e ficam, apenas, restritos aos

lápiz, papel e lousa, mas já é quase um consenso que a geração que se apresenta nas escolas tem a necessidade de dialogar constantemente com essas inovações e que o professor precisa trabalhar no mundo o qual vivem os alunos. Pretendemos, então, destacar o papel fundamental dos professores nessa nova escola que vem se constituindo ao longo dos anos.

O professor tem que ter em mente que os recursos tecnológicos são possibilidades de enriquecer a sua prática docente e que devem ser utilizados em sua sala de aula para assim, tornar suas aulas mais dinâmicas, instigantes e participativas, além de ultrapassar as paredes da escola.

Para encarar essa nova perspectiva de ensino, é fundamental a capacitação do professor e que ele perceba que não se pode fazer o uso pelo uso da tecnologia, de forma alienada, ele deve ser feito com a finalidade do desenvolvimento humano, nunca esquecendo que a tecnologia não pode estar acima do professor e sim, o professor e os alunos serem os produtores do conhecimento a partir das tecnologias.

Em suma, temos que pensar que o espaço de aprendizado não é apenas a escola, a sala de aula, temos que estimular que nossos alunos busquem o conhecimento em outros ambientes, em outros espaços, e para isso, as tecnologias, a internet, as redes sociais, são um excelente recurso que ampliam o espaço pedagógico para além das quatro paredes da sala de aula.

Nossa monografia está dividida em dois capítulos, no primeiro discutiremos questões a respeito da nova escola, novos alunos e a exigência de novos professores, baseado em alguns autores como, por exemplo, **Kensky** (1998,2010), relacionaremos a nova configuração da sociedade e como a escola também deve transformar-se para acompanhar o ritmo acelerado de mudanças. No segundo capítulo faremos uma abertura destacando o uso das tecnologias na educação, veremos com **Moran** (1995, 2007, 2010), por exemplo, como as tecnologias conseguem ampliar o leque de opções em uma aula, começando pelo fato de que ela não mais restringira-se a sala convencional. Faremos também um breve comentário a respeito das tecnologias e a legislação vigente, mais precisamente os Parâmetros Curriculares Nacionais, para depois abordarmos o foco deste trabalho que são as Redes Sociais na Educação. Baseados principalmente em **Raquel Recuero** (2009), faremos a definição de Redes Sociais visualizando os principais elementos, além de elencar os principais sites de redes sociais. Por fim, baseados no maior número de usuários, escolhemos três sites de redes sociais: *twitter*, *youtube* e *facebook* e fizemos um levantamento de alguns autores, entre eles

João Mattar (2013), para apontar como o professor pode utilizar esses sites em sua prática educativa.

Esta é uma pesquisa qualitativa, segundo a qual, um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada, o pesquisador analisa os pontos de vistas das pessoas envolvidas (GODOY,1995)

Quanto aos objetivos, nossa pesquisa é exploratória, pois depende de uma pesquisa bibliográfica, como qualquer exploração, a pesquisa exploratória depende da intuição do explorador/pesquisador (SANTOS, s.d)

Nosso procedimento para a realização da pesquisa será por meio de uma revisão bibliográfica porque utilizaremos, na pesquisa, material de vários autores, enfocando principalmente os temas educação, metodologia, tecnologia, redes sociais. Também buscamos materiais obtidos em jornais, revistas e internet. É um tipo de pesquisa desenvolvida a partir de material já elaborado por diversos autores sobre determinado assunto. (STREHL, s.d)

1. DO ANÁLOGO AO DIGITAL: uma nova escola para um novo aluno.

Atualmente, estamos imersos em um ciberespaço, ou seja, todos nós passamos a conviver com uma nova configuração de mundo provocada pelas cada vez mais presentes tecnologias de informação e de comunicação (TICs) na nossa sociedade.

Os autores Wagner Leandro Pereira Pinho (2013) et al. trabalharam com a ideia de que com o advento da internet passou a existir uma “Nova Era” onde a liberdade de expressão não seria mais refém das mídias de massas e as novas tecnologias produziriam mudanças na vida cotidiana.

Para os autores, estamos vivendo em uma sociedade da informação ou informacional, ou seja:

Após a Revolução Agrícola e a Revolução Industrial, o homem vive ultimamente a revolução do conhecimento. Não há atividade humana que resista a esse período de transição. O impacto das redes de computadores, da microeletrônica, das telecomunicações é total e pode ser sentido no trabalho, na educação, na economia, no entretenimento, nas artes, ou seja, em todas as esferas sociais. Assim sendo, o homem, segue como parte integrante, por um lado passivo e por outro atuante, nesse cenário de singularidade e de intensas mudanças tecnológicas. Desse modo, a sociedade, segundo alguns, autores é “pós-industrial” ou “informacional” e vive-se, hoje, o que se chama de “era da informação. (SILVA, 2006, p. 01)

Segundo Pierre Lévy, em palestra realizada no Festival Usina de Arte e Cultura, promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em Outubro, 1994 “o espaço cibernético é um terreno onde está funcionando a humanidade, hoje.” É um novo espaço de interação humana. Para Kenski (2010) esta nova lógica tecnológica está mudando o mundo, o sujeito não se contenta mais em receber as informações de forma passiva e alienada, agora, com as TICs, ele tem formas diferenciadas de interação com as informações, a qual recebe de forma dinâmica e acelerada. A autora ainda afirma que “A nova lógica das redes interfere nos modos de pensar, sentir, agir, de se relacionar socialmente e adquirir conhecimento. Cria uma nova cultura e um novo modelo de sociedade” (KENSKI, 2010, p.40)

Essa nova cultura mencionada por Kenski (2010) é a cultura digital, que interfere no cotidiano das pessoas, onde os comportamentos, as práticas, a difusão e compreensão dos saberes alteram com extrema rapidez. No âmbito educacional a autora reitera:

Essas alterações refletem-se sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação. Abrir-se para novas educações, resultantes de mudanças estruturais nas formas de

ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica, é o desafio a ser assumido por toda a sociedade. (KENSKY, 2010, p. 41)

Defende ainda que nessa nova sociedade não há mais espaço para as escolas que continuem apenas com uma formação fechada, hierárquica e em massa, pelo contrário, um novo modelo de sistema educacional deve privilegiar espaços de conhecimentos abertos, não-lineares, flexíveis.

Castells (2005) faz um trabalho que associa as novas tecnologias a aspectos políticos e econômicos aliados as mudanças na sociedade, para ele não basta apenas a introdução de tecnologias, pois elas, por si só, não garantem o sucesso em um processo produtivo, por exemplo. O autor defende que deve haver uma reorganização de alguns setores da sociedade como a educação.

Para que o emprego do uso das tecnologias garanta produtividade, inovação, melhor desenvolvimento humano, uma das coisas que se faz necessário, segundo Castells (2005, p. 27), é uma “reconversão total do sistema educativo” onde deverá haver mudanças na pedagogia, nos conteúdos, nos processos de aprendizagem, tudo para atender os anseios dessa nova sociedade. O autor prossegue e afirma que onde não houver essas mudanças existe grande risco de problemas sociais e econômicos:

[...] Por exemplo, uma das grandes razões para o sucesso do Modelo Finlandês na sociedade em rede reside na qualidade do seu sistema educativo, em contraste com outras zonas do mundo. [...] Mas não é qualquer tipo de educação ou qualquer tipo de política: educação baseada no modelo de aprender a aprender, ao longo da vida, e preparada para estimular a criatividade e a inovação de forma a – e com o objetivo de – aplicar esta capacidade de aprendizagem a todos os domínios da vida social e profissional (CASTELLS, 2005,p. 27)

Kensky (2010) enfatiza que o novo modelo educacional não se resume apenas na introdução de novas tecnologias na escola para produzir pessoas que saibam manuseá-las e torná-las futuras consumidoras, ela defende o papel do professor na formação de cidadãos críticos, que saibam lidar com as mudanças constantes e as transformações nos conhecimentos. “A escola precisa, enfim, garantir aos alunos-cidadãos a formação e a aquisição de novas habilidades, atitudes e valores, para que possam viver e conviver em uma sociedade em permanente processo de transformação.” (KENSKY, 2010, p. 64)

Assim, a escola não deve isolar-se em seus muros, essa nova sociedade exige a abertura do diálogo com os alunos e com todos os setores da sociedade, buscando sempre ampliar o leque de aprendizagens e estimulando a autonomia dos alunos para que eles possam atuar ativamente na construção do conhecimento e serem reconhecidos como sujeitos de sua história.

Essa nova configuração da sociedade reflete diretamente nos espaços educacionais, onde para nossos alunos a educação tradicional não atenderá mais as suas necessidades, a escola deverá deixar de ser analógica e passar a acompanhá-los na Era Digital. É como afirma MORAN (2007, p.125) “quanto mais conectada a sociedade, mais a educação poderá ser diferente”, para entender o que Moran diz, basta compreendermos que a Era Tecnológica proporcionou um nível de interação e de troca de informações tão grande que a escola deixa de ser local exclusivo para obtenção do conhecimento.

Contudo, apesar de entendermos a importância de buscarmos transformar o sistema de ensino-aprendizagem para atender a nova demanda de alunos que crescem digitalmente, concordamos com o texto de LESSING (2005), onde afirma que a escola do século XXI ainda suprime as tendências naturais dos alunos digitais. Segundo o autor:

Estamos a construir uma tecnologia que pega na magia da Kodak, mistura imagens e movimentos com som, permite espaços para comentários e a oportunidade de espalhar criatividade por todo lado. Mas estamos a criar as leis que limitam essa tecnologia. (LESSING, 2005, p.247)

Para superar isto e de fato trazer o aluno de volta a escola atendendo as suas necessidades, devemos compreender o novo paradigma da sociedade, a chamada Sociedade da Informação, que é caracterizada por mudanças constantes resultantes dos avanços tecnológicos, favorecendo novas formas de produção e acesso ao conhecimento. Nessa sociedade, as tecnologias assumem um papel importante na difusão da informação e construção do conhecimento. São características dessa sociedade a polifuncionalidade, a flexibilidade, as redes descentralizadas, a influência dos meios tecnológicos na sociedade, a facilidade de interação entre as pessoas. (COUTINHO & LISBOA, 2011)

Embora o acesso à informação tenha sido ampliado, não podemos deixar de mencionar que ter esse acesso não é garantia de ter conhecimento, nem aprendizado, pois:

O conhecimento é entendido como a capacidade que o aluno tem, diante da informação, de desenvolver uma competência reflexiva, relacionando os seus múltiplos aspectos em função de um determinado tempo e espaço, com a possibilidade de estabelecer conexões com outros conhecimentos e de utilizá-lo na sua vida quotidiana (PELIZZARI et al., 2002 apud COUTINHO & LISBOA, 2011, p. 09)

Nesse contexto o papel do professor não será mais como outrora o de transmitir o conhecimento, agora, ele será um mediador, selecionando as informações junto aos alunos e a escola não será o limite para obtenção desse conhecimento, os seus muros serão ultrapassados através da rede.

Kenski (1998) mostra os limites dessa educação tradicional, onde a escola tinha exclusividade na aprendizagem que era finita e determinada. O local e o tempo de ensinar e aprender eram reduzidos ao ir à escola. Agora, com a Era tecnológica, a velocidade das informações desafia a escola a uma nova missão de como aprender e ensinar. Onde antes considerava-se ter toda informação suficiente adquirida na escola, agora a condição é de aprendizagem constante, onde o novo sempre está presente, independente do grau de escolarização. Kenski afirma que:

[...] múltiplas são as agências que apresentam informações e conhecimentos a que se pode ter acesso, sem a obrigatoriedade de deslocamentos físicos até as instituições tradicionais de ensino para aprender. Escolas virtuais oferecem vários tipos de ensinamento online, além das inúmeras possibilidades de se estar informado, a partir das interações com todos os tipos de tecnologias midiáticas. (KENSKI, 1998, p. 60)

Kenski (1998, p.61) cita Pierre Lévy (1993) para falar de “comportamentos de aprendizagens diferenciados” ao citar três formas possíveis de apreensão do conhecimento: a oral, a escrita e a digital. Segundo esses autores, a oral é a que predomina em nossa sociedade, embora em nossa cultura letrada a escrita seja a que prevalece. Já a digital, apesar de ainda não se equivaler as duas primeiras, tem se proliferado velozmente e por isso exige-se nas escolas “não apenas o uso de novos equipamentos para a compreensão e a apreensão de conhecimento, mas também novos comportamentos de aprendizagem, novas racionalidades, novos estímulos perceptivos”. (KENSKI, 1998, p. 61)

A presença e a importância das tecnologias já é uma realidade, prossegue Kenski, e cabe a nós professores assumirmos uma postura crítica quanto a seu uso adequado, avaliando suas vantagens e desvantagens e sabre qual o momento oportuno e o método mais eficaz de utilizá-las.

Silva (s.d) mostra como ao longo dos anos o perfil cognitivo do indivíduo vai se transformando com o surgimento de uma nova tecnologia. Segundo ele, com o surgimento do alfabeto, o sujeito passou a entender e interpretar o mundo de uma nova forma; com a era da comunicação impressa e a obrigatoriedade do silêncio nas bibliotecas o perfil do indivíduo leitor passou a ser contemplativo / mediativo, ou seja, o leitor agora contempla as páginas dos livros e medita sobre o que lê e não mais o faz em voz alta, para um público; com a era da comunicação de massa, a TV chega e faz com que as pessoas não precisem mais sair de casa para manterem-se informadas, o sujeito agora passa a ser movente/fragmentado, pois agora ele move-se entre textos e imagens; com a convergência das mídias e dos meios de comunicação e a criação do ciberespaço o indivíduo passa a ser imersivo / virtual, ou seja,

ganha o poder de estar em todos os lugares sem sair do mesmo lugar, através de um computador ou celular, por exemplo.

Percebemos na análise de Silva (online) que o indivíduo vai transformando-se a medida que entra em contato com uma gama maior de informações e que as formas anteriores de geração dessas informações não são mais suficientes para atender a seus anseios, a sua busca por novidades. Transportando isto para o ambiente escolar, percebemos que os nossos alunos, viventes desse ciberespaço, precisam que a escola acompanhe essas transformações e que lhes ofereça uma educação que forme cidadãos para a recepção e utilização crítica das TICs. Contudo, conforme Silva:

Esse fato é a maior contradição existente no sistema educacional, já que as novas gerações de alunos deixam a escola sem qualquer preparação para realizar, de forma reflexiva e crítica, as atividades às quais dedicam um maior número de horas: assistir à televisão, navegar na Internet, ou, até mesmo, brincar com jogos eletrônicos. (SILVA, s.d, p. 07)

As escolas precisam urgentemente acompanhar nossos alunos, ela não pode permanecer analógica diante de um público digital, um público que é constantemente bombardeado por informações e boa parte delas online. “Nesse contexto, a educação online ganha adesão, porque tem aí as perspectivas da interatividade, da flexibilidade e da temporalidade próprias das interfaces de comunicação e colaboração da internet.” (SILVA, 2010, p. 37-38)

Moran (2007) apresenta um panorama de como está a utilização das tecnologias na educação brasileira, segundo ele, ainda são poucas as instituições que aderiram as TICs e que mesmo com o incentivo governamental esse atraso levará décadas para ser superado. Moran acrescenta que esse atraso não seria superado apenas com a implementação da parte física, com a aquisição de computadores e internet, por exemplo, pois ainda falta um preparo do sistema, da escola e dos professores para usar adequadamente esse material com os alunos. Por outro lado, algumas escolas que até já usam os aparatos tecnológicos, coloca Moran, fazem de forma pontual, faltando ainda uma aplicação de metodologia específica para fins pedagógicos. Existem ainda aquelas que apostam na tecnologia com mais intensidade, contudo na prática não conseguem desvinculá-las das práticas tradicionais de ensino. Por fim, prossegue Moran, existem aquelas escolas que preferem não adotar a tecnologia pra fins pedagógicos por não acreditarem na sua eficácia no processo de ensino-aprendizagem, restringindo-a ao uso administrativo.

O sistema educacional que não se adapta a esta nova realidade está contribuindo, segundo Marco Silva (2010), para uma exclusão social e cibercultural. Entendemos por cibercultura aquela produzida a partir dos ciberespaços. A nova dinâmica técnico-social da cibercultura instaura assim, não uma novidade, mas uma radicalidade: uma estrutura midiática ímpar na história da humanidade onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode, a priori, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, para qualquer lugar do planeta e alterar, adicionar e colaborar com pedaços de informação criados por outros. (PINHO et al., 2013)

Dentre as transformações sofridas na relação professor – aluno com a cibercultura e fazendo um paralelo com o que mostra Marco Silva (2010), observamos que o professor não deve mais emitir uma mensagem fechada para ser ouvida e absorvida pelos alunos, agora ele deve oferecer uma variedade de elementos e possibilidades para que sejam interpretadas e questionadas pelos alunos. Essa é a perspectiva da interatividade, onde abre espaço aos alunos para interagirem com o professor, tentando superar as formas de transmissão do saber onde os alunos eram meros sujeitos passivos. Nessa perspectiva,

[...] o professor pode deixar de ser um transmissor de saberes para converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências e memória viva de uma educação que, em vez de prender-se à transmissão, valoriza e possibilita o diálogo e a colaboração. (SILVA, 2010, p.43)

Uma escola digital prega essa perspectiva da interatividade, pois nossos alunos não mais aceitam como verdade absoluta e inquestionável as informações “jogadas” pelo professor, agora eles têm outros meios onde buscar, comparar e questionar o apresentado em sala de aula. A escola digital deve estimular essas habilidades em seus alunos, onde eles se transformem em agentes críticos e produtores de conhecimento.

Uma das funções dos professores nessa nova configuração de escola é o de estimular o processo de “aprender a aprender”, onde o professor deve estimular a curiosidade do aluno em pesquisar e ir à busca do conhecimento. Como um mediador, o professor irá questionar junto aos alunos os resultados obtidos e em conjunto produzir novos conhecimentos.

Kensky (1998) sintetiza bem essa nova configuração que a escola deve aderir na Era Digital, segundo ela, o professor não deve mais ser visto como o detentor do conhecimento e sim como um parceiro do aluno, um orientador, no sentido de auxiliá-lo diante das múltiplas possibilidades de se atingir o conhecimento. A escola, ou a sala de aula,

não devem ser encaradas como lugares exclusivos para obtenção do saber, na sociedade da informação novos meios são apresentados para difusão do conhecimento. A dinâmica na sala de aula também será alterada, o trabalho em equipe passa a ser privilegiado onde os alunos, junto com o professor, poderão refletir e debater sobre as atividades propostas, observando diversas formas de obtenção e apreensão do conhecimento.

Mas com o grande avanço tecnológico e a velocidade em que a informação é difundida, será que em um futuro próximo não haverá mais necessidade das escolas? Conforme Kensky (2010) a escola não acaba por conta das tecnologias, mas com certeza, daqui a algumas décadas as transformações serão tantas, que a escola que conhecemos hoje, sim, vai acabar e dar lugar a uma nova escola, irreconhecível aos nossos olhos. A autora prossegue e afirma que as escolas se apropriam das tecnologias para atender as necessidades de sua época e, no momento atual, faz-se necessário uma mudança na forma que a educação é gerida, com a reformulação dos programas pedagógicos e a interação e articulação com instituições diferentes.

Imaginemos uma escola em um lugar sem o tradicional regime rígido de horários, onde o conhecimento não teria mais hora para começar ou terminar, o aprendizado dar-se-ia em uma constante, uma escola em que os alunos tenham a liberdade de escolher o que desejam aprender, que tenham a liberdade de entrarem e saírem, uma escola onde o espaço físico não seja barreira para limitar o momento de aprender. Apesar de entendermos a necessidade de mudanças como estas, sabemos que elas deverão ocorrer de forma gradual e exigirão uma:

[...] reorganização das políticas educacionais, da gestão e das formas de avaliação da educação e não apenas mudanças nos métodos pedagógicos e nas disciplinas, com a utilização efetiva das redes no ensino escolar. Ou seja, as mais modernas tecnologias de informação e comunicação exigem uma reestruturação ampla dos objetivos de ensino e aprendizagem e, principalmente, do sistema escolar. (KENSKY, 2010, p. 102)

O avanço tecnológico se colocou presentes em todos os setores da vida social condicionando nosso pensar, nosso agir, nosso sentir, nosso raciocínio e nossa relação com as pessoas e essas transformações influenciaram diretamente os nossos alunos que, frutos de uma nova sociedade, também agem e tem necessidades diferentes dos alunos de décadas anteriores. (DORIGONI & SILVA, 2008)

Mas quem é esse aluno que tem sido objeto de estudo de vários investigadores e que se caracteriza por um novo modo de aprender e pensar, e que as escolas atuais ainda enfrentem dificuldades para atendê-los e entendê-los?

1.1 GERAÇÃO Y E GERAÇÃO Z: que alunos devemos esperar?

Conforme o dicionário Aurélio online, entende-se por geração o “espaço de tempo que separa cada grau de filiação: cada século compreende cerca de três gerações” e que “considera-se como período de tempo de cada geração humana cerca de 25 anos.” Porém, no ritmo acelerado dos dias atuais, podemos dizer que o intervalo entre as gerações diminuiu para em média cerca de 10 anos.

Sandro Faccin Bortolazzo (2012) faz um levantamento dos principais marco históricos e tecnológicos que corroboraram para a gestação das quatro últimas gerações.

A primeira geração comentada por Bortolazzo (2012) refere-se aos nascidos logo após a Segunda Guerra Mundial e é chamada de *Baby Bombers*. Este termo faz referência a “boom” de mulheres grávidas registrado após os seus maridos, que estavam na guerra, retornarem para casa.

Essa geração, que vai até os fins da década de 1960, foi marcada por uma visão utópica de que não haveria mais os horrores característicos das Grandes Guerras. Foi uma geração que questionou valores tradicionais em torno da sexualidade e do papel da mulher na sociedade. (TEIXEIRA, 2011)

A visão idealista da geração dos *Baby Bombers*, foi substituída pelo individualismo da Geração X. Os nascidos entre o final da década de 1960 e os fins da década de 70, receberam esse rótulo, pois, conta Carlos Honorato, representavam uma verdadeira incógnita em uma sociedade marcada por incertezas. Essa geração é marca também por dar condições para o surgimento da próxima geração, é nesse período que vão surgir o Facebook, o Orkut, o Google, entre outros. Essa geração “viu as tecnologias invadirem as casas, os locais de trabalho, as escolas e as universidades.” (BORTOLAZZO, 2012, p. 05).

As duas últimas gerações descritas por Bortolazzo são a Geração Y e a Geração Z, ambas tem em comum a vivência em um mundo onde o ritmo das informações e das mudanças é veloz, as TICs sempre fizerem parte de seu cotidiano.

Ainda de acordo com Bortolazzo (2012), o nome Geração Y tem duas possíveis explicações, ou simplesmente por ser uma referência a Geração que sucede a X, ou pelo Y ser muito utilizado como primeira letra dos recém-nascidos de uma época de forte influência comunista da União Soviética.

De acordo com alguns pedagogos e neurocientistas a Geração Y caracteriza-se por ser formada pelos jovens nascidos entre 1980 e 1999 e é associada a capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo, que é uma demanda da sociedade atual que exige dos sujeitos a realização de multitarefas e um convívio com as tecnologias. Carlos Honorato Teixeira (2011) define essa geração da seguinte forma:

São os primeiros jovens a efetivamente contarem com um acesso online durante toda a vida e para eles, internet, telefones celulares e computadores sempre existiram. É inconcebível, ou pelo menos inimaginável, para eles entenderem como o mundo misteriosamente funcionava antes, sem esses apetrechos para comunicação instantânea e virtual. (TEIXEIRA, 2011, p. 02)

Os jovens da Geração Y, diferente das gerações anteriores, convivem desde o seu nascimento em um mundo onde a velocidade da informação deixa tudo instantâneo, agora ele tem amigos virtuais, surge um mundo virtual onde eles podem fazer coisas inimagináveis em décadas anteriores.

Marcada por estar desde cedo em contato com as novas tecnologias, os jovens dessa geração tem como características a necessidade de questionar, a ansiedade, a impaciência, a busca por resolver seus problemas com rapidez, a habilidade de inovar, a competitividade, o gosto pelo desafio. Kenski (2010, p.50) ao falar dessa geração digital acrescenta que “eles se comportam como ativos pesquisadores de informação e não “recipientes”. São inquietos e preferem descobrir sozinhos a seguir linearmente os passos planejados por outrem para chegar às aprendizagens.”

Em contrapartida, essa geração depende de estímulos externos e orientação vinda de cima, alguns têm dificuldade em lidar com críticas e assimilar possíveis fracassos. Essa necessidade de uma orientação põe a figura do professor como elemento decisivo na formação desses jovens, para que eles entendam o mundo que estão vivendo e façam um uso crítico dos aparatos tecnológicos que os cercam. (ANDRADE & CÁRIA, 2012) E esse jovem quer nossa ajuda! Segundo Carlos Honorato Teixeira (2011) pesquisas feitas com jovens da Geração Y mostraram que eles preferem “trabalhar com pessoas competentes que o ensinam, em detrimento de trabalhar com alguém famoso e distante.” (TEIXEIRA, 2011, p.05)

Nelson Lambert de Andrade e Neide Pena Cária (2012) fazem um alerta sobre esse comportamento tido como ousado da Geração Y e argumentam que devemos ter cuidado para não associá-lo a indisciplina ou transgressões. Segundo eles “Folgados, distraídos, superficiais e insubordinados são adjetivos menos simpáticos para classificar os jovens da

geração Y. Concebidos na era digital, democrática e da ruptura da família tradicional, estão acostumados a pedir e a ter o que querem.” (ANDRADE & CÁRIA, 2012, p.05)

O professor não deve julgar a Geração Y por seu comportamento que é muitas vezes rotulado como insubordinado ou arrogante, pelo contrário devemos colocar-nos no seu lugar para tentar entendê-los e orientá-los, sem subestimar.

Aqueles nascidos a partir dos anos 1990 receberam o nome de Geração Z, que segundo Bortolazzo (2012), faz referência ao verbo zapear, que significa mudar freneticamente os canais de TV. A formação desses sujeitos é ditado pelo ritmo da tecnologia. Para alguns autores, essa geração pode ser integrante ou parte da Geração Y, seja como for, segundo Prensky (2001), a denominação mais usada para referir-se a eles é a de **nativos digitais**. Bortolazzo (2012) descreve o que seria um dia comum de um jovem dessa geração, um nativo digital, muitos de nossos alunos têm comportamento semelhante, segundo ele:

eles são despertados pelo alarme de um telefone celular e já aproveitam para no mesmo aparelho verificar a temperatura da rua, antes mesmo de sair da cama. Vão para a escola ou para o trabalho escutando suas músicas favoritas – atividade que pode durar o dia inteiro – e passam a maior parte do tempo operando com as tecnologias digitais. E finalmente chegam em casa para descansar. Onde? Na Internet. (BORTOLAZZO, 2012. P.07)

Esse jovem descrito acima, ao chegar à escola do modelo atual sente o choque ao encontrar um mundo que não é o dele, onde é recebido muitas vezes por um professor com metodologias tradicionais, onde o único recurso usado é o quadro negro e o livro didático. Essa escola e esse professor não conseguem competir com variedades de coisas novas que o mundo fora da escola tem a oferecer a ele, é preciso mudanças para acompanhá-lo.

Para que a escola tenha estímulo para os nativos digitais, não bastam mais aulas expositivas dos conteúdos, as tecnologias são as principais aliadas do professor. Esses jovens não se contentam em apenas ler um livro, a necessidade da interação e da busca de informações a todo o momento é constante. Elydio dos Santos Neto e Edgar Silveira Franco (2010) dão o seguinte exemplo para ilustrar esse contexto:

[...]imaginemos um jovem que está lendo o capítulo de um livro no qual em um parágrafo lê sobre o suicídio de baleias. o jovem quer saber mais sobre o tema, mas o livro não lhe dá a possibilidade do link direto. A internet, sim. Em menos de um minuto, ele não só saberá muito sobre o tema, como poderá ver as imagens e ouvir os sons de muitos casos desses suicídios em um site como o Youtube, e daí poderá dar novos saltos. E, note-se, muitas vezes não retornando ao assunto/tema inicial de sua pesquisa/navegação (NETO & FRANCO, 2010, p.15)

Contudo, nesse mar de informações que a rede oferece, nem tudo é material de boa qualidade ou de fontes confiáveis, nessas horas, o papel do professor é fundamental para auxiliar os nativos digitais na escolha da melhor opção para obtenção do conhecimento.

Outro problema enfrentado é a quantidade de sites de entretenimento, que não trazem algo significativo para esses jovens, que muitas vezes gastam horas na frente de um computador jogando, por exemplo, mas não constroem nada em termos de conhecimento crítico.

De acordo com Don Tapscott (2001) in Bortolazzo (2012) as principais características da Geração Z são: prezam pela liberdade e liberdade de escolha, personalizam as coisas, são colaboradores, analisam minuciosamente as coisas, buscam sempre a diversão, gostam do ritmo veloz das coisas, são inovadores. Além dessas, esses jovens realizam várias tarefas simultaneamente como assistir ouvir suas músicas ao celular enquanto estudam e enviam mensagens aos amigos.

A gama de informações que os jovens da Geração Y e Z têm acesso nesse ciberespaço, nessa “sociedade da informação”, torna o desafio do professor ainda maior à medida que ele deverá competir com essas diversas mídias que muitas vezes parecem ser mais atrativas para os alunos, que podem estar em vários lugares ao mesmo tempo, conversar com pessoas de todo o mundo, ouvir as músicas que gostam, ver os vídeos engraçados, do que as aulas convencionais na escola. Nelson Lambert de Andrade e Neide Pena Cária (2012) apontam esse como um dos possíveis motivos para o desinteresse dos alunos pelo conteúdo tradicional, acabando sendo taxados por “indisciplinados”. Mas ora, como ter a atenção de nossos alunos se não vincularmos os conteúdos ao mundo que eles estão vivendo? Nós professores precisamos dar significado ao que ensinamos para que nossos alunos tenham interesse em buscar o conhecimento. Como bem observou Paulo Freire (1987):

Será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da situação ou da ação política, acrescentemos. [...]

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-lo a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão de mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui...(FREIRE, 1987, p. 49)

Sabendo da importância de dar sentido aos conteúdos passados aos nossos alunos, na busca de uma sala de aula a qual eles se identifiquem, Elydio e Edgar (2010), fizeram um levantamento de alguns temas importantes para serem trabalhados com as Gerações Ye Z. Entendendo que estamos vivendo um novo mundo, os autores propõem a criação de novas

narrativas tanto pelos professores, quanto pelos alunos, afim de que possamos saber o que nossos alunos tem interesse em trabalhar, o que eles tem como relevante. O professor deve aguçar o senso crítico os alunos, estimulá-los a interpretar as centenas de imagens que a cibercidade lança no espaço físico e as que circulam no espaço virtual. Outro desafio a ser trabalhado em sala é o uso crítico e consciente das tecnologias e não apenas limitar-se ao manuseio das mesmas. De fundamental importância também para o debate entre alunos e professor é o novo projeto ético que essa sociedade da informação apresenta para a sociedade. Entender a relação entre tecnologia x consumismo é outra perspectiva que deve ser levada a nossos alunos.

Além da relação professor-aluno poder ser alterada com o uso das TICs, os professores precisam saber lidar pedagogicamente com um aluno diferente do que ele outrora ensinou, mas para isso é necessário que ele busque uma formação adequada para atender a nova demanda social da escola.

1.2 PROFESSORES: uma metamorfose ambulante

Em meio a tantas gerações e a novos modos de viver em sociedade, o professor não pode ficar parado no tempo, é preciso acompanhar o ritmo cada vez mais acelerado de mudanças e buscar também transformar-se para conseguir atender com qualidade a atual e as mais diversas gerações que ainda convivem em sala de aula. Para isso, é preciso abrir mão de conceitos fixos e do uso único de metodologias tradicionais, o professor deve ter a mente aberta para novas reflexões, estar flexível para receber e problematizar novos métodos para usar em sua sala de aula. Comparando com a música de Raul Seixas, dizemos que os professores precisam ser uma “metamorfose ambulante” e não mais devem ficar presos a uma “velha opinião formada sobre tudo”.

Para que nós professores possamos entender bem o universo no qual vivem nossos novos alunos, os nativos digitais, é preciso buscar uma formação que muitas vezes não temos em nossos cursos de graduação e por isso defendemos a realização de capacitações e formações que atendam esse fim.

Kenski (2010) vai explicar que a maior dificuldade não é o domínio das TICs pelos professores e sim de qual forma elas serão usadas no processo de ensino-aprendizagem, saber a melhor maneira de utilizá-las de forma crítica de modo que leve ao aluno uma aproximação de sua realidade.

Elydio e Edgar (2010) apontam que é necessário nas formações dos professores para atender as novas gerações que elas sejam estudadas, bem como as transformações sociais que exigem novas práticas educativas. É preciso para isto mais do que o conhecimento de sua disciplina, os professores precisam dominar novas linguagens, em especial as tecnológicas, para que se abra um diálogo mais proveitoso com os nativos digitais.

Para Belloni (1998) o futuro do professor está em jogo caso ele não acompanhe o ritmo das novas gerações e por isso a sua prática pedagógica deve estar em constante reflexão e ser pesquisada para que ele consiga se enquadrar na nova configuração da sociedade. Com uma formação adequada o professor poderá usar as TICs de modo que:

uso adequado das incríveis potencialidades oferecidas por aqueles meios representaria para o professor uma libertação das tarefas de "repetidor" que ocupam a maior parte de seu tempo, deixando-o livre para desempenhar múltiplos papéis mais criativos e mais interessantes (e, evidentemente, mais adequados aos tempos que correm). (BELLONI, 1998)

Embora concordemos com a importância das formações para o professor, devemos ficar atentos ao alerta feito por Kensky (2010) de que essas formações devem ser ofertadas aos professores dando-lhes condições de dedicarem-se a elas, com remuneração, tempo e as tecnologias necessárias para realização. Outro fator destacado por Kensky (2010) é que a capacitação dos professores deve ser acompanhada de uma adoção de medidas nas escolas de forma a estrutura-las para que os professores possam trabalhar em condições necessárias a uma educação de qualidade.

2. AS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO.

No capítulo anterior, discutimos que estamos vivendo um novo contexto social, a chamada Era da Informação e que a escola precisa acompanhar o ritmo acelerado de mudanças para atender as novas gerações, as que já nasceram em contato com as tecnologias.

Nessa nova configuração da sociedade, onde os meios de difundir a informação são vários, o professor Leão (2011), faz um alerta importante de que não devemos confundir informação com conhecimento, segundo ele, as pessoas precisam absorver a informação, associá-las a seus conhecimentos prévios, confrontá-la com outras visões, para assim, produzir um novo conhecimento.

Para passarmos de uma sociedade da informação para uma sociedade do conhecimento, a escola tem papel importante e uma das maneiras propostas por Leão para alcançar essa transformação é a adoção de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na educação.

Patroni et al. (2009, apud Soltoski e Souza ,2011) fizeram uma lista das principais TICs que vem sendo utilizadas no campo educacional, segundo eles, merecem destaque: computadores pessoais; impressoras domésticas; câmeras de vídeo e foto digitais; Gravadoras de CDs e DVDs; HD - discos rígidos; Pen-drives; Celulares; TV (aberta, a cabo, por assinatura, digital); E-mail - Correio eletrônico; Lista de discussão; Internet; Fotografia, cinema, som; Wifi e Bluetooth; Blogs e fotoblogs; Comunidades virtuais; Ambiente virtuais de aprendizagem.

É de suma importância relatar que a introdução das TICs nas escolas deve ser acompanhada da adoção de novas metodologias, pois, como vimos ao longo deste trabalho, os alunos não aceitam mais uma aprendizagem passiva, onde ele limita-se a escutar e escrever o que o professor explana e o uso correto dessas tecnologias trazendo aulas mais dinâmicas com vídeos, imagens, interação entre sujeitos, atrai o aluno para a escola e contribui para o processo de ensino-aprendizagem. Devemos ter em mente, o que nos coloca Marcos T. Masetto (2010, p. 144) de que “as técnicas não se justificarão por si mesmas, mas pelos objetivos que se pretenda que elas alcancem, que no caso serão de aprendizagem”, em outras palavras, ratificando o que acreditamos, Masetto quer dizer que não será a simples substituição de uma aula somente com o uso do quadro e o giz por uma com o uso de um

Datashow que melhorará a aprendizagem dos alunos, por trás dessas inovações, deve haver um planejamento onde cada recurso utilizado em sala de aula deve ser escolhido de acordo com a competência que se quer desenvolver no aluno. Essas estratégias devem ser pensadas de modo que as novas tecnologias ao entrarem na aula exerçam a função de fortalecer o aluno como sujeito ativo na produção do conhecimento e o professor como mediador.

José Manuel Moran (2010) mostra como as tecnologias conseguem ampliar o leque de opções em uma aula, começando pelo fato de que ela não mais se restringirá a sala, o momento de produção do conhecimento vai além dos muros da escola e pode ser feito a qualquer momento, sem limites de tempo. Além disso, as possibilidades de comunicação, de uso do audiovisual, de potencializar as interações também irão maximizar o conceito de aula. Esses fatores, que atendem os anseios das gerações Y e Z, sujeitos da escola da atualidade, são motivadores para esses alunos que aprendam, ensinem e tornem-se parceiros do professor e uma aula mais produtiva e prazerosa.

Dentre as vantagens que a introdução das novas tecnologias podem trazer ao processo de ensino-aprendizagem, quando bem utilizadas, nas escolas, temos que alunos e professores podem: ter acesso em tempo real as mais novas e recentes informações referentes a todas as áreas do saber; desenvolver a autoaprendizagem, interaprendizagem (aprender junto com seus professores e colegas) e a aprendizagem a distância ampliando a produção de conhecimento; produzir conhecimento através das mais diversas mídias com a utilização de luz, som, imagens, vídeos; aumentar o contato entre eles não limitando-se ao espaço físico da sala de aula; aguçar a curiosidade pela busca de coisas novas incentivando a busca de respostas; expressar suas opiniões e comentários de maneira criativa e crítica; tornar as aulas mais dinâmicas, através da maior interação e proximidade com a realidade vivida pelos alunos. (MASETTO, 2010)

Apesar dessas vantagens obtidas com o uso das TICs é importante lembrar que o seu mau uso poderá trazer alguns malefícios, como: desvio do foco da atenção dos alunos para os objetivos da aula: em nossa experiência como professor, percebemos muitas vezes alunos com celulares, ouvindo músicas, observando suas redes sociais, jogando, ações que acontecem quando o professor não conseguiu adaptar aquele recurso ao processo de ensino-aprendizagem; cultura do CTRL + C, CTRL + V: a internet é um meio de obter as mais diversas informações, porém quando o professor não orienta bem seus alunos, pode acontecer o simples “copiar”, “colar” do que está na internet, sem a problematização por parte dos alunos, que muitas vezes nem leem o que está escrito; informações erradas: o professor deve

orientar seus alunos quanto aos sites que consultam para fazer suas atividades e pesquisas, pois em meio a uma gama de informações, nem tudo pode ser utilizado, inclusive existindo inúmeras informações equivocadas. (SOLTOSKI & SOUZA, 2011, p. 08)

2.1 AS TICS NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Conforme Laisa dos Santos Nogueira (2010), a década de 80 do século XX, período pós ditadura militar no Brasil, representou um momento de redemocratização do país e no campo educacional a contestação do ensino voltado para a manutenção da ordem vigente, autoritária e repressiva. Crescem os debates acerca dos currículos escolares, que agora devem atender às políticas liberais, aos interesses internacionais e as camadas populares.

Nesse contexto, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) promove uma reformulação nos currículos e cria para o ensino fundamental e médio, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), na década de 1990. Os PCN's surgiram embasados nas concepções de Jean Piaget, que encarava a escola como produtora de saber e defendia a formação de alunos criativos e críticos (NOGUEIRA, 2010).

Os PCN's passam a contestar a abordagem positivista e buscam atender a uma nova geração de alunos, emergida na revolução tecnológica, vivendo o presente intensamente, sem preocupação com o passado ou futuro, através de novas abordagens metodológicas, como a inclusão de novas linguagens no ensino (NOGUEIRA, 2010). Nogueira (2010) mostra que os PCN's fazem duras críticas ao ensino que se baseia exclusivamente no uso do livro didático, por isso, defendem o uso de outras fontes como “filmes, fotografias, músicas, relatos orais, mapas, registros auto-biográficos, obras literárias, cartas, desenhos, instrumentos de trabalho, estilos arquitetônicos e etc.” (NOGUEIRA, 2010, p. 11).

Essa abertura para novas práticas de ensino na sala de aula abarca também a introdução das TICs como vemos no trecho do PCN:

É indiscutível a necessidade crescente do uso de computadores pelos alunos como instrumento de aprendizagem escolar, para que possam estar atualizados em relação às novas tecnologias da informação e se instrumentalizarem para as demandas sociais presentes e futuras. A menção ao uso de computadores, dentro de um amplo leque de materiais, pode parecer descabida perante as reais condições das escolas, pois muitas não têm sequer giz para trabalhar. Sem dúvida essa é uma preocupação que exige posicionamento e investimento em alternativas criativas para que as metas sejam atingidas.(PCN, 1997, p. 67,68)

Vale notar, que embora a legislação defenda o uso das novas tecnologias ela não fecha os olhos para a realidade de grande parte das escolas brasileiras que sofrem de uma precária infraestrutura e que deixam muitos jovens excluídos do acesso as TICs.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) percebemos que, pelo menos na teoria, o governo está ciente de que vivemos um novo modelo de sociedade e que exige uma nova escola, uma escola que esteja preparada para receber os alunos nativos digitais, uma escola que não só adote as novas tecnologias, como também ressignifique as formas de aprender. Vejamos o trecho:

“A denominada “revolução informática” promove mudanças radicais na área do conhecimento, que passa a ocupar um lugar central nos processos de desenvolvimento, em geral. É possível afirmar que, nas próximas décadas, a educação vá se transformar mais rapidamente do que em muitas outras, em função de uma nova compreensão teórica sobre o papel da escola, estimulada pela incorporação das novas tecnologias.” (PCNEM, 2000, p. 5)

Os PCNEM ainda deixam claro que a partir da década de 90 as novas tecnologias deram um novo norte as concepções educacionais onde, agora a educação não se resume a acumular conhecimento, deve-se atender também a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias.

Um ponto importante que não podemos deixar passar despercebido e a forma que os PCNEM nomeiam os componentes curriculares:

1. Linguagens, Códigos e suas **Tecnologias**
2. Ciências da Natureza, Matemática e suas **Tecnologias**
3. Ciências Humanas e suas **Tecnologias**

Segundo os próprios PCNEM, a incorporação do vocábulo **tecnologias** aos componentes curriculares mostra a importância que se quer dar aos processos tecnológicos de cada área de conhecimento. Tem-se por objetivo com isso interligar os conhecimentos das disciplinas com suas aplicações tecnológicas.

2.2 REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO

2.2.1 O que são Redes Sociais?

De maneira sucinta e objetiva podemos definir Redes Sociais, baseados em Garton et al (1997, apud Recuero, 2009) como uma rede de computadores que se conectou a uma rede de pessoas e organizações.

Através das Redes Sociais as formas de comunicação transformaram-se, alcançando maiores dimensões e mais rapidez na difusão das informações, tudo a nível global. Essas redes além de conectarem os computadores, conectam as pessoas.

Os dois principais elementos das Redes Sociais, segundo Recuero (2009), não os atores e suas conexões. Os primeiros são formados pelas representações das pessoas que interagem na rede constituindo laços sociais, ou seja, um ator é representado pelo seu twitter, perfil no Orkut ou Facebook, fotolog, entre outros. Essas páginas pessoas representam os atores no ciberespaço e estão em permanente construção mostrando as suas múltiplas identidades e conseqüente exposição pessoal, segundo alguns autores, importante para que haja a interação social. “É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na informação geralmente anônima do ciberespaço. Esse requisito é fundamental para que a comunicação possa ser estruturada” (RECUERO, 2009, p.27)

Os atores então expressão através de seus perfis no ciberespaço seus sentimentos, seus interesses, gostos e procuram outros atores com quem tenham afinidades, havendo a interação entre eles.

O segundo elemento das Redes Sociais são as conexões que, em linhas gerais, podem ser formadas pelos laços sociais originado das interações dos atores. Sendo assim, Recuero sugere três elementos determinantes para as conexões: a interação, as relações e os laços sociais. A interação tem haver com a comunicação entre os atores, através de uma conversação, por exemplo. Através das interações podemos observar que tipo de relação os atores tem e como elas geram laços sociais. “O laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações” (RECUERO, 2009, p. 38)

Outro ponto importante sobre as Redes Sociais é que elas não são estáticas e estão em constante mutação ao longo do tempo e no espaço e esta característica de dinamicidade das redes estão associadas as influências das interações entre os atores.

Nós professores quando pensarmos em usar as Redes Sociais em uma atividade na escola devemos levar em conta essa dinamicidade, Recuero (2009, p.81) elenca alguns elementos existentes nas interações e que deixam as redes em um processo de constante transformação. Os primeiros elementos são, a cooperação, a competição e o conflito e que, segundo ela, podem e devem existir nas relações em rede, contudo chamamos atenção para o papel do professor na mediação desses elementos buscando sempre estimular ações cooperativas com os alunos a fim de evitar que o conflito torne-se mais frequente e acarrete um desgaste na estrutura social. A competição também é importante tendo em vista que, bem

conduzida, pode gerar a cooperação. Outros dois elementos discutidos por Recuero (2009) são a ruptura e agregação, originários do conflito e da cooperação, respectivamente. Finalizando, a autora cita a adaptação e a auto-organização o que sugere que as relações nas redes estão em constante aprendizagem e evolução, adaptando-se ao ambiente.

Um potencial importante das Redes Sociais é a sua capacidade de difundir informações, Recuero (2009) mostra que a velocidade que as informações espalham-se através das redes é tão grande que é quase epidêmica, contudo, lembra a autora, isso é possível quando os indivíduos estão bem conectados, pois tudo que é publicado na rede passa pela percepção de todos os atores envolvidos que podem assimilá-las de forma positiva e replicá-las, ou não.

2.2.2 Principais Redes Sociais

Antes de elencarmos algumas Redes Sociais, iremos destacar um conceito abordado por Recuero (2009): sites de Redes Sociais.

Para esta autora, nos Sites de Redes Sociais são materializadas as expressões das redes sociais na Internet. Através dos sites de Redes Sociais é possível: construir uma representação dos atores a partir de um perfil ou página pessoal, realizar interações por comentários e expor publicamente a rede social de cada ator.

A autora ainda ressalta que os sites das redes sociais não se configuram, por si só, redes sociais, pois “eles podem apresentá-las, auxiliar e percebê-las, mas é importante salientar que são, sem si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes”. (RECUERO, 2009, p. 103)

Podemos dizer então que as definições que seguem a seguir referem-se a sites de redes sociais.

- A) *Orkut*: Criado por Orkut Buyukkokten foi lançado pelo Google em 2004 e alcançou grande popularidade entre os brasileiros. No Orkut é possível criar perfil e comunidades onde ocorrem a interação entre os atores.
- B) *Google+*: Criado em junho de 2011 por Vic Gundotra é uma rede social onde é possível o usuário adicionar seus amigos a seus “círculos”. Os usuários também podem interagir através de textos, chat por vídeos e até chat em grupo.
- C) *Fotolog*: Criado em 2002 por Scott Heiferman e Adam Seifer com a ideia de montar diários fotográficos, o fotolog possibilita os atores a publicarem fotos acompanhadas

de textos e receber comentários. Funciona como uma página pessoal e os atores podem interagir com outros fotologs, dependendo de que forma a página seja configurada, pessoas que não tenham um perfil no fotolog podem visualizar as postagem e comentá-las.

- D) *Flickr*: Criado em 2004 pela companhia canadense Ludicorp, foi comprado em 2005 pelo Yahoo! e tem como funcionalidade a publicação de fotos acompanhadas de textos e podendo receber comentários, mas recentemente a publicação de vídeos também passou a ser possível.
- E) *Facebook*: Lançado em 2004 e criado por Mark Zuckerberg, funciona através de perfil e comunidades. Permite-se a publicação de fotos nos álbuns que podem receber comentários de outros atores adicionados como amigos nesta rede. No espaço conhecido como mural é possível a publicação de textos, vídeos, imagens que os amigos podem comentar, curtir e compartilhar.
- F) *Twitter*: Criado em 2006 por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams, permitem a troca de informações entre os usuários de forma pública, privada e direcionada a uma ou mais pessoas em pequenos textos de até 140 caracteres. Através do twitter podemos também seguir especialistas em determinados assuntos, compartilhar links, cobrir e acompanhar eventos.
- G) *Youtube*: Criado em 2005 por Chad Hurley e Steve Chen com a intenção de compartilhar vídeos com amigos, foi comprado pelo Google e hoje é um dos mais populares sites que permitem que seus usuários carreguem e compartilhes vídeos em formato digital.

De acordo com um relatório divulgado em 2013 pela GlobalWebIndex, o *Facebook* é a Rede Social com maior número de usuários do mundo com 51% da preferência dos internautas, logo em seguida encontram-se o *Google +* com 26%, o *Youtube* com 25% e o *Twitter* com 22%.

No Brasil os números do *facebook* também são impressionantes, a participação dos brasileiros nessa rede social, de acordo com matéria da revista *Veja* de 2013, é de 76 milhões de usuários o que torna o país o segundo em número de acessos, perdendo apenas para os Estados Unidos.

Tendo noção do grande número de adeptos as redes sociais podemos inferir que a sua amplitude alcança diversas áreas como a econômica, a cultural, a política, a social e sobretudo, objeto de nosso trabalho, a educacional.

2.2.3. Redes Sociais como ferramenta educativa

É frequente durante nossas aulas observamos nossos alunos acessando as redes sociais de seus celulares e muitas vezes não apresentam interesse no conteúdo que está sendo passado pelo professor, como isso, algumas literaturas apontam que a escola pode aproveitar essa realidade e adaptá-la ao contexto educacional, fazendo com que nossos alunos desenvolvam as habilidades desejadas pelo professor em sua disciplina.

O sistema educativo carece de sentido se não for capaz de incorporar as ferramentas que a sociedade já está a utilizar ao nível da comunicação. Estas ferramentas parecem estranhas em condições de favorecer o desenvolvimento dos contextos de aprendizagem, que fala Figueiredo (2002), para dar vivência aos conteúdos, conduzindo, de forma ativa, à construção de saberes pelos próprios alunos. (MINHOTO & MEIRINHOS, 2011, p. 27)

Pesquisas atuais apontam que as redes sociais apresentam um potencial do ponto de vista pedagógico, pois conforme aponta Cristiane Paião (2010) é um espaço democrático de ampla interação entre seus membros, ligados por redes de informação que, bem mediadas, podem ser importantes no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, crescem os números de trabalhos que defendem sua presença não só na escola, mas como ferramenta pedagógica para os professores em sala de aula.

João Leal (2011) diz que a conexão propiciada pelas redes sociais oportunizam uma troca de informação e conhecimento de forma muito mais dinâmica e interativa do que em uma aula tradicional, o que pode servir como fator motivacional aos alunos. O autor ainda coloca a oportunidade que se tem em se discutir uma maior quantidade de temas, com uma também acelerada difusão da informação, tudo isso de forma personalizada o que tende a agradar mais os alunos. Nesse sentido, “todos os membros aprendem lendo as mensagens, e ajudando-se quando uma situação problema ou questão é posta” (Leal, 2001, p.134)

Para exemplificar o exposto acima, lembramos da experiência que realizamos em 2013 com nossos alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual da Paraíba,

quando, através da rede social facebook, convidamo-nos a participar de um grupo, onde trabalhamos de outras formas os temas discutidos em sala de aula. Vejamos:

Victor Batista
12 de maio de 2013

A imagem abaixo faz referência a Quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929. O que você sabe sobre este evento? Em sua opinião qual a mensagem que a imagem quer transmitir?



Curtir · Comentar

Visualizado por 47

outras 10 pessoas curtiram isso.

efeito dominó!
12 de maio de 2013 às 19:09 · Curtir · 1

Figura 1: Proposta de discussão de conteúdo a partir de uma imagem. (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/528307323872078/?fref=ts>)

Quando a bolsa de Nova Iorque quebrou, todos ao seu redor também sofreu as consequências e muitos países próximos ou que de forma direta ou indireta dependia, quebraram.
12 de maio de 2013 às 20:22 · Curtir · 1

Que: A maioria dos países tinham empresas que possuíam ações na Bolsa de Valores de Nova York e, milhões de norte-americanos tinham investimentos nestas ações e todos sofreram consequências.
13 de maio de 2013 às 11:10 · Curtir

não isso e um dominó caindo kkkkkkkk
13 de maio de 2013 às 13:00 · Curtir

1 - Sobre este evento não sei muita coisa, só que após a queda muitas empresas faliram e muitas pessoas perderam ações do dia pra noite!
2 - Eu acho que essa imagem transmite o fato de que existem tantos países dependentes dos Estados Unidos que ao acontecer a queda na Bolsa de Valores de Nova Iorque, não só os EUA foi afetado, como também todos os outros que tinham alguma relação com ele !!
14 de maio de 2013 às 13:48 · Curtir (desfazer) · 1

Victor Batista Alisson Alves, explique melhor como ocorreu esse efeito dominó.
14 de maio de 2013 às 16:52 · Curtir (desfazer) · 1

Figura 2: Discussão do tema proposto pelos alunos e mediação do professor. (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/528307323872078/?fref=ts>)



Figura 3: Discussão do tema proposto pelos alunos e mediação do professor. (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/528307323872078/?fref=ts>)

Nas imagens acima podemos perceber que o conteúdo “A Grande Depressão” foi abordado e trabalhado com os alunos através do *facebook*, vimos então a interação dos alunos sobre o questionamento feito a partir de uma imagem. De forma livre, eles fizeram suas pesquisas pela internet e deram suas considerações e quando achamos necessários, cobramos uma melhor análise e até indicamos outras fontes para consulta.

Ao mesmo tempo que os alunos foram estimulados a pesquisar sobre o determinado tema, eles também adquiriam conhecimento a partir da pesquisa de seus colegas.

O papel do professor é fundamenta na mediação do uso dessas redes em sala de aula, pois tudo deve ser feito baseado em metodologias planejadas com antecedência.

Ao nível de redes sociais, o papel do professor torna-se fundamental quer na questão, quer na organização, quer no debate de ideias tendo que transparecer a ideia de presença constante mesmo que as atividades se autorregulem ao fim de algum tempo. (LEAL, 2001, p. 137)

O uso das redes sociais é também uma oportunidade do professor acompanhar a aprendizagem de seus alunos em um maior espaço de tempo não se limitando aos minutos em sala de aula.

Miranda Luísa et al. (2011) afirma que o uso das redes sociais em sala de aula permite que os alunos sejam sujeitos ativos na construção do seu conhecimento a medida que podem realizar formas interativas e colaborativas na aprendizagem em uma ferramenta que é comum de seu dia a dia.

Paula Minhoto e Manuel Meirinhos (2011) elencam em sua pesquisa alguns outros fatores que credenciam o uso das redes sociais na aprendizagem e afirmam que elas:

- Aumentam as competências sociais, de interação e comunicação afetivas;
- Estimulam o pensamento crítico;
- Ampliam o contato com temas diversos e o acesso a informações;
- Oportunizam os alunos a produzirem seu próprio conhecimento de forma mais ativa;
- Estimulam os trabalhos em grupo;
- Fortalecem a autoconfiança, a autoestima, a solidariedade e o respeito mútuo;
- Favorecem a resolução de problemas de forma mais criativa e rica em conteúdo;
- Favorecem a uma aprendizagem colaborativa entre os alunos de forma que eles colaboram entre si para a construção dos saberes;
- Incentiva os alunos a valorizarem o conhecimento dos outros;
- Oportuniza uma maior aproximação entre os alunos e a consequente troca de informações importantes nas resoluções dos problemas da disciplina;
- Transforma a aprendizagem em uma atividade social;
- Tornam as aulas mais satisfatórias para professores e alunos.

Para apontar esses possíveis resultados do uso das redes sociais na educação, os autores basearam-se no que chamaram de pedagogia da aprendizagem colaborativa, onde:

O indivíduo aprende do grupo, mas individualmente também contribui para a aprendizagem dos outros. Há assim uma forte interdependência entre a aprendizagem colaborativa e a aprendizagem individual. (MINHOTO & MEIRINHOS, 2011, p. 26)

Pela aprendizagem colaborativa nas redes sociais, o aluno percebe que a construção do conhecimento depende da atuação de todos e não apenas do professor. Em defesa dessa aprendizagem colaborativa estão grandes nomes da educação como nos coloca Conceição (2008, apud Vasconcelos,2010).

Conforme estas autoras, o construtivismo de Piaget defende a interação dos sujeitos com o objeto de seu conhecimento para que haja o crescimento cognitivo. Já Vygotsky acreditam que as interações sociais são fundamentais para a construção do aprendizado e do conhecimento a medida que existe uma colaboração entre os sujeitos envolvidos na ação, tanto alunos, como professores, estes últimos assumindo uma postura mediadora. Paulo Freire por sua vez defende que a interação estimula o diálogo o que propicia a reflexão do que foi pensado e dito pelo outro tornando estes alunos críticos, participativos e dando margem a novas descobertas. Por fim, Pierre Lèvy defende que o ciberespaço é o local ideal para a prática de atividades colaborativas.

Autores alertam, porém para as dificuldades que ainda aparecem ao tentar uma nova forma de aprendizado com os alunos e professores, pois eles ainda estão acostumados às velhas formas de ensino que prezam pela competição e pela aprendizagem individual. Por isso:

Caberá ao educador investigar, dentre os vários recursos da rede virtual, quais deles possam ter um valor consideravelmente eficaz no processo de ensino e de aprendizagem. Quais deles melhor contribuem para que os alunos passem da passividade para a atividade. Mais do que utilizar os recursos disponíveis no panorama sociomundial, ou se apropriar das ferramentas tecnológicas, um dos principais objetivos do ensino é o de conseguir que os professores estabeleçam entendimento e reflexão no que concerne às mudanças tecnológicas. Isso transita pelo papel do professor investigador-colaborador. (VASCONCELOS, 2010, p. 30)

Mais uma vez entramos com o papel do professor, que acima de tudo deve assumir também uma postura de pesquisador e buscar a melhor forma de estimular seus alunos a produzirem o conhecimento.

De acordo com notícia presente no site do Estadão em 2013, segundo dados do IBOPE/YouPix, 92% dos jovens brasileiros que acessam a internet são usuários de redes sociais, já levando em conta o público geral, esse número corresponde a 78%. Quanto a preferência do público, o *facebook* lidera o ranking com 73,5% ou 76 milhões de usuários o que o torna ao lado do *twitter* e do *youtube* as redes sociais com maior presença de brasileiros no mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos.

Levando em conta esses dados, escolhemos essas três redes sociais para traçarmos os principais pontos discutidos por alguns autores em relação aos seus usos no sistema educacional.

2.2.3.1. *Twitter*

Em sua dissertação de mestrado, Zorália Brito das Chagas Vasconcelos (2010), investigou o uso do *twitter* como possível recurso didático para o processo de ensino-aprendizagem.

Inicialmente, esta autora baseada em Kenski (2003) afirmou que antes do professor tentar usar qualquer recurso didático novo em sua prática é necessário que ele domine os principais recursos dessa nova ferramenta e conheça os procedimentos técnicos para sua utilização para que assim possa planejar as melhores formas de utilizá-lo com seus alunos.

O *twitter* é um microblog onde é possível que as pessoas interajam a partir de mensagens curtas e instantâneas, sua atuação chega a várias áreas, segundo o site oficial do serviço, em about us (<https://about.twitter.com/pt>):

As empresas usam o Twitter para compartilhar informações sobre seus serviços, reunir informações de mercado em tempo real e estabelecer relações com clientes, parceiros e pessoas influentes. Leve o poder do Twitter para a TV, a música, os esportes, o entretenimento e as notícias. Nós ajudamos as organizações de mídia a interagir com seus públicos mais diretamente no Twitter. (Twitter, 2014, online)

Vasconcelos (2010) coloca como a *twitter* vem atuando em áreas como o jornalismo com divulgação instantânea de notícias e coberturas de eventos “ao vivo”; na política onde os políticos tem a oportunidade de aproximarem-se de seus eleitores; nos negocios ajudando as empresas a venderem seus produtos e informando lançamentos e promoções aos consumidores; na publicidade promovendo as marcas. E até na educação, como veremos neste trabalho.

Para participar do *twitter*, deve-se criar uma conta no site do serviço (<https://twitter.com/>), preencher nome, email, criar uma senha, no campo “Novo no *Twitter*? Inscreva-se” e clicar em “inscreva-se no *twitter*” (Figura 04). Na tela seguinte (Figura 05) deve-se preencher os dados solicitados e clicar em “criar minha conta”.



Figura 04: Tela de abertura do Microblog Twitter. (Fonte: <http://twitter.com/>)

Figura 05: Formulário de cadastro da conta no Twitter (Fonte: <https://twitter.com/signup>)

Cadastro feito, o usuário poderá fazer o seu login na página inicial twitter.com e verá uma lista de outros usuários já cadastrados no microblog, onde poderá segui-los ou não. Caso aceite seguir, receberá as atualizações desse contato na tela inicial de sua conta.

Focando agora o uso do *twitter* no âmbito educacional, iniciamos com o dado trazido por João Mattar (2013) que diz que este microblog foi eleito por quatro anos seguidos (de 2009 a 2012) como a melhor ferramenta para a aprendizagem pelo Center for Learning & Performance Technologies.

Quanto a seu uso, prossegue o autor, existem os seguintes pontos favoráveis:

- Ultrapassar os momentos de aprendizado dos muros da escola através dos tweets (mensagens no twitter) do professor;
- Aprofundar a interação sobre determinado assunto através da comparação de pensamentos;
- Aproximar aluno e professor no sentido de retirar dúvidas, revisar aulas, passar avisos;
- Enviar matérias sobre o conteúdo ou questionário via links;
- Ligar o conteúdo visto em sala ao mundo real;

Outras potencialidades para o uso do *twitter* na educação apontados por Mattar (2013) referem-se às ideias de Mark Sample (2009) que exporemos no quadro abaixo:

QUADRO 1 - Possibilidades do uso do Twitter em Educação.		
<p>Canal de apoio em sala de aula</p> <p>Usos: discussões em sala sobre assuntos específicos, comentários em tempo real, registro de pontos de vista divergentes.</p> <p>Benefícios: envolver alunos menos falantes, arquivar comentários que seriam considerados efêmeros.</p>	<p>Discussões fora da sala de aula</p> <p>Usos: ampliar as discussões realizadas na classe, trocar comentários sobre leituras ou questões sobre lições.</p> <p>Benefícios: construir uma comunidade, manter a continuidade entre as aulas.</p>	<p>Discussões direcionadas em sala de aula</p> <p>Usos: perguntas abertas ou guiadas, com as respostas dos alunos coletadas para análise posterior.</p> <p>Benefícios: envolve os alunos em discussões em aulas expositivas com grande número de alunos.</p>
<p>Atividades de monitoramento</p> <p>Usos: encontrar e seguir o professor, especialista na área ou assuntos importantes.</p> <p>Benefícios: exposição à conversação cultural mais ampla sobre o material de aula.</p>	<p>Atividades levemente estruturadas</p> <p>Usos: solicitar feedback sobre o curso, oferecer atendimento aos alunos, realizar pesquisas e avaliações sobre as aulas, prática de língua ou escrita.</p> <p>Benefícios: flexibilidade, disponibilidade, escalabilidade.</p>	<p>Atividades metacognitivas/reflexivas</p> <p>Usos: os alunos comentam sobre autoaprendizagem, articulam suas dificuldades, recapitulam a lição mais importante do dia;</p> <p>Benefícios: estimulam o pensamento crítico.</p>
<p>Comunicação institucional</p> <p>Usos: ampliar a comunidade, alertas, avisos.</p>	<p>Comunicação do instrutor</p> <p>Usos: avisos, alterações no programa, lembretes.</p>	<p>Comunicação pedagógica</p> <p>Usos: compartilhar links e recursos em tempo adequado.</p>

Fonte: Sample (2009) Apud João Mattar (2013, p. 90)

A tabela acima mostra que o twitter pode e deve ser utilizado pelos professores e alunos dentro e fora da sala de aula e vai abranger uma grande quantidade de alunos, inclusive os mais tímidos.

Em síntese, Mattar (2013) defende que:

O twitter fornece assim um espaço informal para facilitar a aprendizagem, melhorar o envolvimento com o conteúdo, disseminar conhecimento, colaborar em aprendizagem prática ou baseada em problemas e reforçar o aprendizado, ou seja, uma área para reflexão. (MATTAR, 2013, p. 87)

2.2.3.2. *Youtube*

O *Youtube* é um site de rede social cujo objetivo inicial é permitir que seus usuários transfirm, publiquem e visualizem vídeos sem a necessidade de grande conhecimento técnico. Segundo a definição dada pelo próprio site oficial (<http://www.youtube.com/yt/about/pt-BR/>) percebemos o quanto interativo pode ser esta ferramenta para seus usuários, vejamos:

O *YouTube* oferece um fórum para as pessoas se conectarem, informarem e inspirarem outras pessoas por todo o mundo e atua como uma plataforma de distribuição para criadores de conteúdo original e para grandes e pequenos anunciantes. (YOUTUBE, 2014, online)

Para ter acesso a maioria dos vídeos não é necessário o usuário ser cadastrado, porém para criar um canal¹ ou inscrever-se no de outro usuário, enviar seus vídeos e comentar os vídeos assistidos é necessário antes criar uma conta do Google.

O *Youtube* é conhecido por ser uma rede social democrática, ou como colocam Burgess e Green (2009) apud Lúcia Cristina Ribeiro Dias (2013) possui uma cultura participativa, isto é, o conteúdo exibido, seja de cunho artístico, relativo a envolvimento cívico, entre outros, não sofre muitos impasses para ser publicados na rede e independe da experiência ou não do usuário, diferente da televisão, por exemplo, onde nem todos tem acesso para exibir suas opiniões e expressões.

Tendo em visto que o *Youtube* é uma plataforma essencialmente de vídeos, não poderíamos deixar de tecer alguns comentários a respeito da importância de se utilizar os recursos audiovisuais em sala de aula. Para Moran (1995) o vídeo tem esse caráter de estar associado ao lazer, a diversão e por isso o professor pode fazer uso dessa ferramenta no

¹ Quando alguém envia um vídeo ao YouTube, ele é enviado para um canal. Os canais são como perfis públicos, onde você pode ver todos os vídeos enviados por determinado usuário. (Fonte: <http://www.youtube.com/yt/about/pt-BR/getting-started.html>)

intuito de buscar uma aula mais prazerosa para seus alunos, contudo, alerta o autor, a sua utilização deve ser previamente planejada e estar associada aos conteúdos previstos, explorando as habilidades dos alunos e não usada como mero entretenimento. A seguir, citamos alguns exemplos trabalhados por Moran (1995) de práticas que são consideradas erradas no que concerne a utilização deste recurso:

Vídeo-tapa buraco: colocar vídeo quando há um problema inesperado, como ausência do professor. Usar este expediente eventualmente pode ser útil, mas se for feito com frequência, desvaloriza o uso do vídeo e o associa -na cabeça do aluno- a não ter aula.

Vídeo-enrolação: exibir um vídeo sem muita ligação com a matéria. O aluno percebe que o vídeo é usado como forma de camuflar a aula. Pode concordar na hora, mas discorda do seu mau uso.

Vídeo-deslumbramento: O professor que acaba de descobrir o uso do vídeo costuma empolgar-se e passa vídeo em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes. O uso exagerado do vídeo diminui a sua eficácia e empobrece as aulas.

Vídeo-perfeição: Existem professores que questionam todos os vídeos possíveis porque possuem defeitos de informação ou estéticos. Os vídeos que apresentam conceitos problemáticos podem ser usados para descobri-los, junto com os alunos, e questioná-los.

Só vídeo: não é satisfatório didaticamente exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto de aula, sem voltar e mostrar alguns momentos mais importantes. (MORAN, 1995, p. 3)

Quanto a boas formas de se utilizar o vídeo em sala de aula Moran (1995) também faz algumas considerações: quando o professor pretende introduzir uma aula de forma que estimule a curiosidade e motive seus alunos ele poderá fazer com a exibição de um vídeo; outro momento oportuno para sua utilização é tentar ilustrar algo que não seja tão fácil para o aluno visualizar somente com palavras; vídeos que tragam uma nova abordagem do conteúdo discutido em sala também são eficazes para a aprendizagem; o professor também pode editar os vídeos de acordo com seus interesses para uma determinada aula ou até mesmo fazer os seus próprios; estimular que os alunos gravem seus vídeos façam documentários, explorar esse recurso audiovisual costuma tornar a aula mais dinâmica e atrativa.

Mattar (2013) lista uma série de canais existentes no Youtube que podem ser utilizados com fins educacionais:

Discovery Channel, National Geographic, Nasa, Animal Planet, Revista Science e History Channel. Muitas IES de destaque disponibilizam no Youtube suas aulas, como Yale, UC Berkeley, Stanford, The Open University, UCLA, University of California, MIT, Berkeley e Princeton. O Youtube Edu agrega vídeos e canais de faculdades e universidades (MATTAR, 2013, p. 109)

O site *Youtube* criou manuais intitulados Guia do Criador com o objetivo de desenvolver estratégias que fidelizem determinado público em seus canais e que se possa

potencializar o seu uso, são várias as categorias dos guias como esportes, músicas, educação, empresas de mídia e instituições sem fins lucrativos.

Segundo o Guia do Criador: Educação, “o YouTube EDU (youtube.com/edu) abriga conteúdo educacional de alta qualidade de todo o mundo”. (GUIA DO CRIADOR, 2013, p.6) O objetivo dessa plataforma é que seus usuários utilizem os recursos do Youtube para ensinar ou aprender aquilo que desejarem.

O Youtube EDU é dividido em quatro categorias baseado no conteúdo dos canais, são elas: Pre-K (Jardim de infância), Ensino primário e secundário, Educação superior e Educação continuada.

Os dois principais recursos educacionais oferecidos são o **Youtube para escolas** (YouTube.com/schools), que deixam apenas disponíveis na rede da escola o conteúdo do *Youtube* EDU bloqueando todo o resto. Todos os canais no *Youtube* EDU podem ser visualizados por escolas de todo o mundo que dispõem desse recurso, fornecendo a seus vídeos um público potencial ainda maior e o **Youtube para professores** (YouTube.com/teachers) que oferece dicas e truques aos educadores para melhor utilizarem os vídeos em suas aulas.

No universo do *Youtube* EDU, o professor pode exibir ou criar para seus alunos desde vídeos que tratem de determinado conteúdo de uma forma menos formal, voltado a diversão, até aos que seguem um maior rigor metodológico.

Outra opção desta plataforma é a criação de vídeos individuais, ou seja, independentes uns dos outros, cada um com seu tema específico e também se pode organizar vídeos em série, onde cada vídeo é uma sequência do anterior.

Com o intuito de produzir vídeos mais eficazes para os alunos pelo *Youtube* e que prendam a sua atenção, o Guia (2013) trás algumas observações importantes:

- Capturar o espectador do começo: questões ou problemas desafiadores que serão explorados e resolvidos ao longo do vídeo; explicações sobre o que o espectador aprenderá; abertura do vídeo com trechos interessantes ou curiosos que serão abordados; são exemplo de como obter a atenção dos alunos logo no início dos vídeos educacionais;
- Usar gráficos, fornecer informações ou dicas adicionais, fazer perguntas ou explicar um conceito de forma diferente, contribuem para tornar um vídeo mais atrativo;
- Intercalar a fala do palestrante de um vídeo com imagens relacionadas ao conteúdo;

- Caso haja possibilidade, usar várias câmeras para fazer uma filmagem que traga vários ângulos;
- Em casos de vídeos longos, editar e postar trechos menores, com informações de onde encontrar a versão completa.
- Atualizar o canal com vídeos que tragam conhecimento de fato ou evento importante que estejam acontecendo na atualidade como datas comemorativas, eventos esportivos, recentes descobertas científicas, entre outros.

Uma possibilidade interessante de tornar o uso dos vídeos do *Youtube* mais dinâmicos e interativos é a utilização do recurso de anotação. Adriana Dellacosta (2004) faz um trabalho apontando algumas possibilidades educacionais nesse sentido.

Esse recurso permite que os usuários incluam textos explicativos, balões de fala, pausas, acrescentem links para outros vídeos no conteúdo dos vídeos do Youtube.

Para exemplificar essa funcionalidade, Adriana (2004) utilizou os vídeos da TV Escola disponíveis no Youtube. Vejamos as principais formas de uso da anotação por ela identificada:

- Recurso nota: Pode-se adicionar acima do vídeo um retângulo de texto com informações importantes ou complementares da cena em questão;
- Recurso nota com link para vídeo: Além da nota, esse recurso oferece a possibilidade do usuário interessado em conhecer mais sobre o assunto ser direcionado para outro vídeo do Youtube;
- Recurso nota com o link para o resultado da consulta de vídeos: Esse recurso abre a possibilidade do aluno ao clicar nesta nota ser direcionado para todos os outros vídeos que tratem do tema desejado e que façam parte do Youtube;
- Recurso balões de diálogo e pausa: Esse recurso permite a criação de balões de textos e incluí-los no vídeo que ficarão visíveis durante uma pausa determinada. Pode-se através dessa função dar o aluno a possibilidade de recriar o conteúdo do vídeo através da inclusão dos balões de fala;
- Recurso destaque: Um personagem ou uma região qualquer do vídeo é marcado e quando o usuário passa o mouse sobre a marcação um texto explicativo aparece dando informações importantes sobre a área destacada.

O Guia do Criador: Educação (2013) dá outras sugestões para tornar nossos vídeos mais interativos:

- Fazer perguntas ao espectador;
- Receber e responder os comentários feitos pelos espectadores;
- Estimular que os espectadores façam perguntas ou sugestões de temas através dos comentários;
- Criar outros vídeos em forma de resposta a comentários ou sugestões de temas dos espectadores;
- Criar vídeos como se estivesse falando diretamente com o espectador;
- Continuar a conversa fora do *Youtube*, inclusive em outros sites de redes sociais.

Para finalizar esse tópico de nosso estudo é importante mencionar o destaque feito por João Mattar (2013) sobre as barreiras enfrentadas quanto ao uso do Youtube, segundo ele, um dos problemas é os limites impostos pelos direitos autorais que muitas vezes retiram os vídeos do site por violações dos direitos.

2.2.3.3. *Facebook*

Uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo, o *facebook* é um site de rede social que permite a interação entre seus usuários principalmente através de comentários em seus perfis, fotos e vídeos. A comunicação e a partilha de informações são bastante difundidas no site. Segundo definição própria (<https://www.facebook.com/facebook/info>) a missão do *facebook* é:

dar às pessoas o poder de compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado. As pessoas usam o Facebook para ficarem conectadas com amigos e familiares, para descobrir o que está acontecendo no mundo, e para compartilhar e expressar o que importa para elas. (FACEBOOK, 2014) (Tradução nossa)

Para fazer parte dessa rede, basta o usuário criar uma conta preenchendo os dados pedidos na página inicial do site (<https://www.facebook.com/>) e em seguida clicar em “Abrir uma conta”



Figura 06: Tela de abertura do facebook. (Fonte: <https://www.facebook.com/>)

João Mattar (2013) trás em seu estudo algumas pesquisas que fornecem dados importantes a respeito da relação aluno x professor intermediada pelo *facebook*. Segundo essas pesquisas, os alunos se sentem motivados e passam a ter uma melhor relação afetiva com seu professor a partir do momento que eles os têm adicionados em seu perfil e tem contato com informações pessoais do professor, dando até uma maior credibilidade, os alunos, assim, se sentiriam mais a vontade em se comunicar com seus professores dentro e fora da rede.

Outra pesquisa relevante apontada por este autor é que os alunos preferem usar o *facebook* como ambiente de aprendizagem ao invés dos AVAs (Ambiente Virtual de Aprendizagem), sendo mais eficientes quanto a sua participação em debates dos temas da aula, obtendo um bom grau de envolvimento e criatividade dos alunos.

A respeito dessa preferência dos alunos, Paula Minhoto e Manuel Meirinhos (2011) comentam que ela se devem a familiaridade que os alunos já tem com o facebook, em relação as plataformas AVA, o que torna a aprendizagem mais interativa, estimulando a participação. Para esses autores, o *facebook* ainda:

permite o desenvolvimento de estratégias de busca e seleção de informação, facilita a interação e a colaboração, permite a aprendizagem entre pares, desenvolve o pensamento crítico e reflexivo e estimula o contraste de opiniões e a argumentação, desenvolve ou reforça as capacidades de colaboração, favorece a auto estima e o auto-conceito, entre outras potencialidades. (MINHOTO & MEIRINHOS, 2011, p. 123)

João Mattar (2013); Paula Minhoto e Manuel Meirinhos (2011) e Patrício e Gonçalves (2010) elencam alguns recursos e aplicações presentes no Facebook e que podem ser usados em educação, vejamos:

- Mural: local para interação entre os usuários onde podemos promover debates entre alunos e professores, podemos postar textos, fotos, vídeos e marcar as pessoas para incentivar sua participação;
- Grupos: Através dos grupos alunos e professores podem interagir de maneira mais sistemática, podendo ou não, abrir os debates para o público. Quando um membro posta algo no grupo, os outros membros serão notificados;
- Páginas: As páginas podem servir para divulgar informações, compartilhar links, artigos, vídeos, notícias. Qualquer pessoa pode curti-la e assim receberá as suas atualizações. Alguns exemplos de páginas já existentes são: Dalíngua Portuguesa (<https://www.facebook.com/dalinguaportuguesa?ref=ts&fref=ts>) onde o usuário recebe dicas e curiosidades sobre o idioma; Matemática fácil (<https://www.facebook.com/matematicafacil2000?ref=ts&fref=ts>) disponível para quem quiser tirar suas dúvidas da matéria, também conta com resolução de questões e vídeo-aulas; História Digital (<https://www.facebook.com/historiadigital?ref=ts&fref=ts>) conta com dicas de vídeos, leituras, jogos, com a temática História; Geografia Visual (<https://www.facebook.com/GeografiaVisual>) trás fotos, infográficos, jogos, simuladores, mapas e vídeos; Ciência Hoje (<https://www.facebook.com/cienciahoje>) com as últimas novidades da comunidade científica;
- Eventos: Pode servir para marcar a data de uma avaliação, atividade em grupo, aula de campo;
- Book Tag: Permite a criação de lista de livros e de questionários;
- Books iRead: Permite partilhar livros;
- Chat: Disponibiliza comunicação em tempo real, ótimo para tirar dúvidas de alunos;
- Fotos: Permite carregar e tirar fotos, além de criar um álbum;
- Notas: adiciona pequenos textos, reflexões ou observações, que podem ser comentadas;
- Quiz Creator: Cria testes ou questionários;

- Vídeos: Permite fazer o carregamento de vídeos de fontes externas, gravados na aula ou tutoriais de algum trabalho;

Em 2011, o *Facebook* lançou o Guia Facebook para Educadores que comenta como o facebook pode ser adequado para fins educacionais tendo em vista a geração de nativos digitais presentes nas escolas. Abre-se então uma grande oportunidade de tirar o ato de aprender exclusivo nas escolas e passar a levar as formas de aprendizagem para todos os lugares, isso por que:

Se você é como a maioria dos professores, seus alunos já estão usando o Facebook em seus celulares em casa ou no ônibus. Seus ensinamentos podem chegar a eles nesses momentos. Isso abre novas portas para o ensino e a aprendizagem. (GUIA FACEBOOK PARA EDUCADORES, 2011, p.11)

Ainda conforme o Guia Facebook para Educadores (2011) através do *facebook* o professor pode atender a demanda do novo público das escolas, os nativos digitais, a medida que ele pode propiciar uma aula mais interativa com alunos interagindo de forma criativa e criando seu próprio conteúdo; mais centrada no aluno onde ele é o sujeito ativo de sua aprendizagem, tendo o professor um papel de mediador; mais autêntica a proporção que o professor consiga tornar o uso do *facebook* para fins pedagógicos parecido com a forma que o aluno utilize no seu cotidiano; mais colaborativa com trabalhos em grupos dentro da própria rede e sob demanda para que o aluno possa ver o material da aula quando, onde e como quiser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, percebemos que nós professores temos um desafio em nossas mãos: fazer com que nossos alunos tenham motivação em assistir nossas aulas e sintam-se em um ambiente prazeroso, para com isso ambientar uma situação favorável para o desenvolvimento da aprendizagem.

Percebemos então que para resgatar nossos alunos devemos acompanhar o seu ritmo de transformação, conhecer quais os seus gostos, entender a realidade que os cercam, perceber que estamos imersos na Sociedade da Informação e levar até a escola essa nova configuração de mundo.

As Novas Tecnologias da Informação são ferramentas valiosas para atingir novas educações, resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender. Essas Novas Tecnologias devem vir acompanhadas de novas metodologias, pois, como vimos ao longo deste trabalho, os alunos não aceitam mais uma aprendizagem passiva, onde ele limita-se a escutar e escrever o que o professor explana e o uso correto dessas tecnologias trazendo aulas mais dinâmicas com vídeos, imagens, interação entre sujeitos, atrai o aluno para a escola e contribui para o processo de ensino-aprendizagem.

Percebendo que é frequente durante nossas aulas nossos alunos acessando as redes sociais de seus celulares e muitas vezes não apresentando interesse no conteúdo que está sendo passado pelo professor, verificamos em nossa pesquisa que algumas literaturas apontam que a escola pode aproveitar essa realidade e adaptá-la ao contexto educacional, fazendo com que nossos alunos desenvolvam as habilidades desejadas pelo professor em sua disciplina. A partir disto, vimos como as Redes Sociais, em especial, o *Twitter*, o *Facebook* e o *Youtube*, bastante acessados pelos alunos, podem contribuir do ponto de vista pedagógico.

No contexto atual, educação e tecnologia são indissociáveis e esta última precisa ser entendida com um olhar pedagógico e não tratadas apenas como um recurso a mais, contudo, devemos ter em mente que “por maior e melhor que seja a estrutura tecnológica, sozinha, ela não consegue realizar nenhum projeto educacional de qualidade” (Kensky, 2010, p. 182) e que não devemos encarar o uso das tecnologias como a panaceia da educação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, N. L. de & CÁRIA, N. P.. **A sala de aula da geração Y: repensando a formação em serviço para os professores.** In XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012. Disponível em <http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/3716p.pdf>. Acesso: 05/04/2014.

BELLONI, M. L. **Tecnologia e formação de professores:** Rumo a uma pedagogia pós-moderna?. Educ. Soc. vol. 19 n. 65 Campinas Dec. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000400005>. Acessado dia 16/04/2014.

BORTOLAZZO, S. F. **Nascidos da Era Digital:** outros sujeitos outra geração. In XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012. Disponível em <http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/2119b.pdf>. Acesso: 21/04/2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio).** 2000

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – História. Ministério da Educação, 1998.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política.** 2005. Disponível em <<http://biblio.ual.pt/Downloads/REDE.pdf>> Acessado dia 25/03/2014.

COUTINHO, C & LISBÔA, E. **Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem:** desafios para educação no século XXI. Revista de Educação, Vol. XVIII, nº 1, 2011. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista_Educa%C3%A7%C3%A3o_VolXVIII,n%C2%BA1_5-22.pdf> Acesso: 29/03/2014.

CRIADOR, Guia do. **Educação.** Criado pelo YouTube Next Lab, março de 2013. Disponível em <<http://static.googleusercontent.com/media/www.youtube.com/pt-BR//yt/playbook/media/pdfs/playbook-education-guide-pt-BR.pdf>>. Acessado dia 19/04/2014.

DELLACOSTA, A. **Possibilidades educacionais do uso de vídeos anotados do Youtube.** Rio de Janeiro, 2004.

DIAS, L. C. R.. **O Youtube: potencialidades pedagógicas na aprendizagem da Língua Inglesa no 1º Ciclo do ensino básico.** Dissertação de Mestrado. 2013. Disponível em <

http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/3981/1/DM_L%C3%BAciaDias_2013.pdf> Acesso: 10/04/2014.

DORIGONI, G. M. L. & SILVA, J. C. **Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar.** 2008. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-2.pdf>>. Acesso: 05/04/2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa.** Revista de administração de empresas. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29. 1995

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas, SP: Papirus, 6ª Ed, 2010.

_____. **Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 1998, n.08, pp. 58-71. ISSN 1413-2478.

_____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** Campinas: Série Prática Pedagógica. 2003. In VASCONCELOS, Zorália Brito das Chagas. **Uso do microblog Twitter como recurso didático na visão docente.** Dissertação de Mestrado. Fortaleza, 2010.

LEAL, J. **Redes Sociais na Sala de Aula.** *Indagatio Didactica*, vol. 3(2), junho 2011.

LEÃO, M. B. C. (org). **Tecnologias na educação: uma abordagem crítica para uma atualização prática.** Recife: UFRPE, 2011.

LESSING, L. **Meros Copistas.** In CASTELLS, M. A **Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política.** 2005. Disponível em <<http://biblio.ual.pt/Downloads/REDE.pdf>> Acessado dia 25/03/2014.

MASETTO, M. T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia.** In Moran, José Manuel. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas, SP: Papirus, 17ª Ed, 2010.

MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação.** São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MINHOTO, P. & MEIRINHOS, M.. **As redes sociais na promoção da aprendizagem colaborativa: um estudo do ensino secundário.** *Revista Educação, Formação & Tecnologias*, 4 (2), novembro de 211.

MIRANDA, L; MORAIS, C; ALVES, P & DIAS, P. **Redes Sociais na Aprendizagem.** In BARROS, D.M.V. et al. **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas.** Lisboa: [s.n.], 2011.

MORAN, J.M. **O vídeo na sala de aula.** *Revista Comunicação & Educação.* São Paulo, ECA – Ed. Moderna, 1995.

_____. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas, SP: 2ª ed. Papyrus, 2007.

_____. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e temeláticas.** In Moran, J. M. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas, SP: Papyrus, 17ª Ed, 2010.

NETO, E. dos S. **Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro.** Revista de Educação do COGEIME – Ano 19 – n.36 – janeiro/junho 2010.

NOGUEIRA, L. dos S. **Entre a pesquisa e a escola: as fontes, o professor e a construção do conhecimento histórico.** 2010. In <http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279222823_ARQUIVO_laisa_nogueira_ANPUH.pdf> Acessado em 15/04/2014

PAIÃO, C. **Plataformas sociais auxiliam a construção do conhecimento?** Disponível em <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=59&id=746&print=true>>. Acessado dia 20/04/2014.

PATRÍCIO, R. & GONÇALVES, V. **Facebook: rede social educativa?** In I Encontro Internacional TIC e Educação, 2010. Disponível em <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>>. Acesso: 05/05/2014.

PHILLIPS, L. F.; BAIRD, D. & FOGG, BJ. **Facebook para Educadores.** 2011. Disponível em <<http://educotraducoes.files.wordpress.com/2012/05/facebook-para-educadores.pdf>>. Acessado dia 19/04/2014.

PINHO, W. L. P.. **Cibercidade, Ciberespaço e as Relações Sociais de Lazer.** In Coletânea de Textos Mídia, Cultura e Imaginário, UEPB, 2013.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais.** De On the Horizon, NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001. Disponível em <<https://docs.google.com/document/d/1XXFbstvPZIT6Bibw03JSsMmdDknwjNcTYm7j1a0no xY/edit?pli=1>> Acessado dia 16/04/2014.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, C. J. G. **Tipos de Pesquisa.** Online. Disponível em <http://www.oficinadapesquisa.com.br/APOSTILAS/PROJETO_RH/_OF.TIPOS_PESQUISA.PDF>.

SILVA, C. M. da. **As novas tecnologias de informação e comunicação e a emergência da sociedade informacional.** 2006. Disponível em <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/claudia.html>> Acessado dia 25/03/2014.

SILVA, L. N. **As contradições entre a escola analógica e a sociedade digital.** Online. Disponível em <<http://30reuniao.anped.org.br/posteres/GT16-2827--Int.pdf>>. Acesso: 05/05/2014.

SILVA, M. **Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos online.** Revista Digital de Tecnologias Cognitivas. Número 3, janeiro-junho, 2010. Disponível em <http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2010/edicao_3/3-educar_na_ciberculturadesafios_formacao_de_professores_para_docencia_em_cursos_online-marco_silva.pdf> Acesso: 17/03/2014.

SOLTOSKY, R. C. & SOUZA, M. P. de. **A influência do uso das novas tecnologias na educação.** In VI Encontro de Produções Científicas e Tecnológicas, 2011. Disponível em <http://www.fecilcam.br/nupem/anais_vi_epct/PDF/ciencias_exatas/01-SOLTOSKI_SOUZA.pdf>. Acesso: 25/03/2014.

STREHL, L. **A pesquisa bibliográfica como procedimento de investigação.** Online. Disponível em <<http://pt.slideshare.net/leticia.strehl/pesquisa-bibliografica-presentation>>

TEIXEIRA, C. H. **Os desafios da educação para as novas gerações: entendendo a geração Y.** Revista Acadêmica Eletrônica Sumaré, 2011. Disponível em <http://www.sumare.edu.br/Arquivos/1/raes/05/raesed05_artigo05.pdf>. Acesso: 21/04/2014.

VASCONCELOS, Z. B. das C. **Uso do microblog Twitter como recurso didático na visão docente.** Dissertação de Mestrado. Fortaleza, 2010. Disponível em <www.uece.br/mpcomp/index.php/arquivos/doc.../225-dissertacao-66> Acesso: 26/04/2014.

Sites

<<http://oglobo.globo.com/blogs/nasredes/posts/2013/05/13/com-mais-usuarios-google-se-torna-2-maior-rede-social-496549.asp>> Acessado dia 05/04/2014.

<<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/facebook-alcanca-marca-de-76-milhoes-de-usuarios-no-brasil>> Acessado dia 05/04/2014.

<<https://www.facebook.com/groups/528307323872078/?fref=ts>> Acessado dia 12/04/2014.

<<https://www.facebook.com/facebook/info>> Acessado dia 12/04/2014

<YouTube.com/schools> Acessado dia 12/04/2014

<YouTube.com/teachers> Acessado dia 12/04/2014

<<http://www.youtube.com/yt/about/pt-BR/>> Acessado dia 12/04/2014

<<https://about.twitter.com/pt>> Acessado dia 12/04/2014

<<https://www.facebook.com/dalinguaportuguesa?ref=ts&fref=ts>> Acessado dia 12/04/2014

<<https://www.facebook.com/matematicafacil2000?ref=ts&fref=ts>> Acessado dia 12/04/2014

<<https://www.facebook.com/historiadigital?ref=ts&fref=ts>> Acessado dia 12/04/2014

<<https://www.facebook.com/GeografiaVisual>> Acessado dia 12/04/2014

<<https://www.facebook.com/cienciahoje>> Acessado dia 12/04/2014.